

Apresentação: História e Música

Tania da Costa Garcia

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

tan.costa.garcia@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/1376202606406836>

 <https://orcid.org/0000-0002-4098-7503>

Rodrigo Lauriano Soares

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

rodrigolauriano.s@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/6178587119825325>

 <https://orcid.org/0000-0002-4754-473X>

Heloísa de A. Duarte Valente

Universidade Paulista (UNIP)

musimid@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/3718382357661831>

 <https://orcid.org/0000-0002-3250-6722>

Fernando de Oliveira Magre

Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira”

fernandomagre@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/1498625137838487>

 <https://orcid.org/0000-0003-1608-1389>

Editorial

Ao convidar a historiadora Tânia Costa Garcia para organizar um volume sobre música e história, esta nos respondeu prontamente de forma positiva e juntamente com Rodrigo Lauriano, assumiram a empreitada. Nada mais oportuno para a Revista MusiMid! Afinal, quantas músicas registram a história, na longa duração, permeando fatos que acompanham todos os movimentos sociopolítico-culturais (dentre outros) e, inversamente, o quanto a história escreve e se inscreve na linguagem musical e todas as que a ela se agregam, especialmente aquelas que surgiram no âmbito da cultura midiática?

A música, como produção cultural, é incompreensível fora de seu tempo. A obra de arte está irremediavelmente atrelada aos grupos sociais que a produzem, aos diferentes espaços e ambientes por onde circula e é executada, à crítica musical que inclui e exclui artistas e repertórios, e às estratégias de preservação e difusão cultural, ligadas às instituições públicas ou privadas que promovem a monumentalização e canonização de obras e músicos, assim como o esquecimento de outros.

Seus sentidos estéticos não estão dissociados das condições históricas de produção e recepção. As opções de composição, os elementos formais reunidos em um artefato musical dialogam com as convenções e comportamentos sociais, influenciando a maneira como percebemos o mundo e interagimos com ele. A obra de arte pode tanto afirmar os valores de sua época, como ser provocativa, contrapondo-se estética e ideologicamente ao discurso hegemônico.

O artefato musical – produto das motivações do artista, dos interesses do mercado, e das múltiplas tecnologias – uma vez oferecido ao público, está sujeito às mais variadas formas de apropriação, independente da vontade do seu criador ou das políticas que o privilegiam.

O dossiê Música e História visita objetos e abordagens tanto atrelados às questões candentes, como as narrativas sobre as práticas musicais enquanto projetos historiográficos, as relações de gênero, o conceito de transnacionalidade, e temáticas sempre recorrentes quando tratamos de música, como memória, performance e tecnologias.

No artigo de abertura, *Historiografia musical brasileira como operação musicológica: fragmentos de um “Heroe, egregio, douto, peregrino” esforço para além do americanismo musical*, **Beatriz Magalhães Castro** traz uma reflexão ampla e muito significativa sobre os processos de historicização das práticas musicais no território nacional. A autora elenca as problemáticas para uma historiografia musical brasileira, apresenta os principais projetos historiográficos, e propõe alternativas para superação das limitações, discutindo sobre a necessidade de atualização do quadro teórico e conceitual compartilhado pela operação musicológica e historiográfica.

A musicalização dos poemas de João Apolinário pelo grupo Secos & Molhados constitui o eixo do segundo artigo, *Engajamento em Portugal, desbunde no Brasil: a poesia de João Apolinário e o Glam Rock dos Secos & Molhados (1974)*. João Apolinário foi um poeta português engajado na luta contra o Estado Novo (1926-1974) e pai de um dos integrantes do grupo Secos & Molhados. O autor, **Thales Reis Alecrim**, parte das críticas de Apolinário dirigidas ao Estado Novo em Portugal, nos anos 1950 e 1960, e aborda as formas de apropriação desses versos na conjuntura do regime militar brasileiro, sobretudo através das canções presentes no segundo disco dos Secos & Molhados (1974). Também destaca a performance, uma das principais características do grupo, como um elemento distintivo nesse processo, conectada aos ideais da contracultura no Brasil.

Em *Memória e Testemunho: as canções póstumas no álbum Manifesto Chile September 1973*, **Maria Luiza Ramalho** desenvolve uma análise do disco póstumo do multiartista Víctor Jara, ainda pouco explorado pelos estudiosos do assunto. Ramalho demonstra como o álbum em questão possibilitou a ressignificação de canções de Jara, não somente como veículos de propaganda do governo da Unidade Popular (1970-1973), mas também como de denúncia do Terrorismo de Estado, já que o seu lançamento aconteceu um ano após o golpe militar no Chile. A autora ainda amplia sua investigação ao trazer à tona a narrativa memorial e testemunhal construída por Joan Jara, viúva de Víctor, a partir de intervenções autorais nas canções do disco.

Dando sequência às abordagens que relacionam música e memória, segue o artigo *A música do passado e o elo geracional na coleção Taba*, de **Camila Lordy**. Nomeando como objeto a coleção híbrida de história e música para crianças lançada na década de 1980 pela editora Abril, a autora enfoca, a partir do repertório musical, as possibilidades de

perpetuação de valores político-estético-ideológicos na expectativa de um futuro melhor. Num momento de redemocratização do país, A MPB aparecer como mediadora da relação entre pais e filhos, entrelaçada às histórias infantis.

O artigo de **Dênis Wan-Dick Corbi**, *Por entre passados: as rodas de choro no Brasil em seus aspectos históricos e práticos*, busca problematizar o choro diante de suas diferentes acepções. Os conceitos de *passado prático* e *passado histórico*, desenvolvidos por Hayden White, são o ponto de partida para refletir sobre uma das primeiras narrativas que inaugura os estudos acerca do choro no Brasil. O autor recorre a um escrito publicado em 1936, no livro de Alexandre Gonçalves Pinto, que relata o ambiente urbano carioca e as cenas musicais. Corbi faz dessas memórias sua fonte de pesquisa para compreender o desenvolvimento histórico da sonoridade particular do Choro.

Com enfoque nas relações de gênero no campo musical, as autoras **Bárbara Harianna Brito de Cabral** e **Maria Luiza Ugarte Pinheiro** apresentam o artigo *Mulheres musicistas em Manaus no início do século XX: subvertendo papéis de gênero pela profissão artística*, de autoria. Ao observarem o início do período republicano na Amazônia, incluindo as grandes guerras e o ciclo da borracha, as autoras chamam atenção para uma importante mudança no mundo do trabalho, a atuação profissional de mulheres no meio musical. Cabral e Pinheiro, através de periódicos do início do século XX, identificam diversos casos do protagonismo feminino no cenário musical de Manaus, como o da artista Madame Lago, enfatizando as dificuldades encontradas por essas mulheres dentro de uma estrutura altamente patriarcal.

Em *Máquina de ritmo: canção, tecnologias e crítica cultural em Gilberto Gil*, de **Gabriel Marotti Ricardo**, a relação da música com a tecnologia tem outros contornos. A partir de uma análise interdisciplinar, examina o impacto das transformações tecnológicas na cultura, elegendo como objeto de estudo a letra da canção *Máquina de ritmo*, de Gilberto Gil. Seu intuito é demonstrar que a inserção da tecnologia no mundo da música pode ser vista para além das mudanças no processo de composição e produção musical. O trabalho também aborda como o artista trata de dilemas contemporâneos, como o tradicional e o moderno, o analógico e o digital.

Completa o volume uma entrevista inédita concedida pelo compositor e regente Roberto Martins. À frente do Madrigal Ars Viva de Santos por mais de 40 anos, o maestro expõe a **Raphael F. Lopes Farias** vários aspectos sobre sua atuação profissional, bem como o contexto musical de todo um período. O Madrigal Ars Viva surgiu sob a égide do desejo de jovens compositores de criarem uma agrupação musical que pudesse colocar em prática repertório seguindo as tendências estéticas internacionais que ganharam terreno no pós-guerra em contraposição ao nacionalismo então reinante. Ouvir e ler Roberto Martins é conhecer um trecho dessa história, de maneira privilegiada: uma narração envolvente, apresenta, em detalhes, sua vivência artística. Uma versão de uma história que ainda tem muito a revelar.